

Roedores urbanos, aparentemente não mantêm o ciclo na natureza, por apresentarem resistência ao estabelecimento da infecção ou elevada morbi-letalidade. Em cinco grupos contendo 9 e 23 animais (camundongos albinos da cepa Swiss) inoculados com o parasita, (total de 71), foram estudados por necropsia parcial os 27 camundongos que sobreviveram após quatro meses de infecção com letalidade variando de 41,6% a 80%. Dentre os sobreviventes, 18 não apresentavam vermes nem lesões intestinais. Em nove camundongos encontrou-se o *A. costaricensis* intra-arterial: 07 com infecção por apenas um verme/animal (06 fêmeas e um macho) e dois camundongos com infecção unisexual por dois vermes/animal. Três vermes estavam vivos após 217 dias de infecção, o que é a mais alta longevidade registrada até o momento. Estes dados reforçam a hipótese de que o camundongo não é o hospedeiro habitual, pois cursa com alta mortalidade na fase aguda e sobrevivem apenas animais não infectados, ou sem infecção produtiva. Por outro lado, demonstra-se a possibilidade de infecções com pequeno número de parasitas e baixa morbidade, o que pode ser uma explicação para os inúmeros doentes humanos com curso oligossintomático, nas áreas endêmicas do sul do Brasil. (FAPERGS, CNPq)